

NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS

O forum de Aeminium

Sempre despertou um sentimento de mistério aquela série de corredores abobadados, sobre os quais (quicá sem o saber!) se instalaram construções, nomeadamente, em finais do século XI, o paço episcopal da cidade do Mondego, e onde hoje se visita o Museu Nacional de Machado de Castro. Aliás, a descida a esses obscuros subterrâneos fazia parte do roteiro museológico e havia como que a sensação de partirmos à descoberta e para outros mundos ocultos...

Ali tinham estado os Romanos (diziam-nos!) e a sólida construção visava sustentar, na encosta, a plataforma do fórum, o centro cívico da vetusta *Aeminium!*...

Como explicita Ana Alcoforado, a actual directora do museu, «a decisão de ampliar e requalificar as instalações [...] conduziu, em 1989, à realização de sondagens arqueológicas». E por aí foram os arqueólogos, de surpresa em surpresa, porque, na verdade, havia mais criptopórtico do que aquele que estava à vista e, desta forma, pouco a pouco, se começou a pensar como é que seria, afinal, essa imponente praça que ele sustentava.

É, pois, essa «busca do desenho original» que, sondagens feitas, profunda reflexão cumprida nos mostra o magnífico livro, *O Forum de Aeminium – A Busca do Desenho Original* – apresentado a 10 de Setembro de 2009 e que resulta do trabalho conjunto de Jorge Alarcão, Pierre André, Paulo Barreiras, Pedro C. Carvalho, Fernando Pereira dos Santos e Ricardo Costeira da Silva.

Edição bilingue (português/inglês), 108 páginas em papel de muito boa qualidade, profusamente ilustradas a cores. Edita o Instituto Português dos Museus e da Conservação (através do Museu N. Machado de Castro), com a colaboração da EDIFER e do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. ISBN: 978-072-776-394-8. E justo é salientar ter sido a própria empresa construtora – embora não estivesse a isso obrigada – que financiou na íntegra a publicação, o que muito se aplaude se considerarmos que vivemos num país em que se escava tanto (na chamada arqueologia preventiva e de emergência) e se investiga e publica tão pouco.

Capítulos: «A Arqueologia e a renovação dos edifícios históricos»; «Do fórum ao paço episcopal e do paço ao museu»; «Uma visita breve do fórum»;

«Mais pormenorizada análise do fórum romano»; «Prolegómenos a um estudo do fórum de Aeminium».

Dir-se-á que a ideia de o arquitecto eminiense, Gaio Sévio Lupo, referido numa dedicatória a Marte na Corunha, ter sido o construtor do fórum de *Aeminium* e seu criptopórtico (datado do tempo de Cláudio) acaba por manter-se em dúvida, embora esse e outros testemunhos provem que, afinal, os arquitectos tinham, na sociedade romana, uma «posição importante». E, ainda, que tudo leva a crer que o fórum eminiense dispunha de uma estrutura destinada a «proporcionar mais sombra a quem o frequentava e melhor protecção contra a chuva que caía, oblíqua, tocada pelo vento».

Rigor científico, imagens cativantes – uma obra, pois, para se folhear devagar.

Marvão e Ammaia ao Tempo das Guerras Peninsulares

Foi apresentado a 19 de Abril de 2009, num dos auditórios da Câmara Municipal de Marvão, o número especial de 2009 de *Ibn Maruan*, revista cultural daquele concelho, dirigida pelo Doutor Jorge de Oliveira, intitulado *Marvão e Ammaia ao Tempo das Guerras Peninsulares* (ISBN: 978-972-772-876-3).

Justificou-se este número especial por conter dois artigos que, cada um à sua maneira, se prendem com a problemática das chamadas Invasões Francesas (acontecimento ora comemorado, na passagem do seu 2º centenário) e que evocam um aspecto dessas lutas que ainda não terá sido suficientemente posto em realce: a existência de manuscritos deixados por intervenientes nesse conflito, manuscritos que, para além dos aspectos bélico-militares, podem ter – e têm – informações de índole histórico-arqueológica. Por isso, não hesitei em dar como título à apresentação «A magia de Marvão – antiguidade e espionagem de mãos dadas por ocasião das Invasões Francesas» (p. 11-13).

Sob o título «O estatuto jurídico de *Ammaia*, a propósito de uma inscrição copiada em 1810» (p. 35-55), Armin U. Stylow, do Instituto Arqueológico Alemão, dá a conhecer um pedestal romano (hoje desaparecido) que o coronel Sir Alexander Dickson (1777-1840) desenhou junto a *Ammaia*. Esse militar participou, desde 1809 até 1813, nas Guerras Peninsulares e foi redigindo um diário, com as mais diversas anotações. No ano de 1905, toda essa documentação foi editada em cinco tomos, a cargo da *Royal Artillery Institution*, pelo comandante John H. Leslie: *The Dickson Manuscripts being diaries, letters, maps, account books with various other papers of Sir Alexander Dickson Series "C" – from 1809 to 1818*.

Esse pedestal de mármore dá a conhecer o dúunviro Marco Júnio Galo, inscrito na tribo Quirina, que foi genro de Turrânia Cílea, a dedicante do monumento.

Quer pela onomástica quer pela estrutura formal, a epígrafe pode, pois, relacionar-se com Conimbriga, onde se regista a família Turrânia e onde também as iniciativas de louvores públicos partem, amiúde, de mulheres da família a que ficaram unidas por via conjugal.

Por seu turno, Juan Manuel Abascal (da Universidade de Alicante) e Rosario Cebrián (do Parque Arqueológico de Segóbriga), redigiram o texto «José Andrés Cornide de Folgueira e as inscrições de *Ammaia (conventus Pacensis)*» (p. 15-32).

Dentre os investigadores da Antiguidade hispânicos, poucas personalidades conheceram tão bem Portugal como Cornide (La Coruña, 25-4-1734 – Madrid, 22-2-1803). E o grande empreendimento da sua vida foi a viagem a Portugal, encarregado pela Real Academia da História e encorajado pelo próprio Manuel Godoy, que via nele a possibilidade de conhecer, em primeira mão, o sistema defensivo do país vizinho, na perspectiva de um eventual conflito. Cornide realizou essa viagem entre 20 de Outubro de 1798 e 10 de Março de 1801.

Os dois autores observam a paisagem, o terreno e os lugares de um ponto de vista muito parecido, ou seja, as suas potencialidades para fins militares; mas, enquanto **Cornide** concilia a sua missão de espionagem com um vivo interesse de antiquário, **Dickson**, naturalmente educado com os clássicos, é, antes de mais, soldado, empenhado, além disso, numa guerra real, e interessa-se pelos vestígios arqueológicos apenas como um curioso.

O que, para os historiadores da Antiguidade e, nomeadamente, para os epigrafistas resulta interessante é que Cornide – para além dos inúmeros pormenores que narra acerca da paisagem e das fortalezas – vai à cidade romana de *Ammaia* e aí copia inscrições que, mais tarde, desapareceram ou chegaram até nós incompletas, por terem sido reaproveitadas em construções. E esse é, sem dúvida, um importante contributo.

A Cidade Romana de Ammaia

Foi também especial um número especial deste ano de 2009 dessa mesma revista, *Ibn Maruan*, que veiculou a dissertação de mestrado de Sérgio Pereira, defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no quadro do Mestrado em Arqueologia Regional.

Título: *A Cidade Romana de Ammaia – Escavações Arqueológicas 2000-2006*. ISBN: 978-972-772-934-0. Edições Colibri / CM Marvão, 2009.

Jorge Oliveira, director da revista, assina o editorial; Vítor Frutuoso, presidente da autarquia, faz a nota de apresentação e também foi dada a palavra aos orientadores do trabalho académico, Helena Catarino e José d'Encarnação, para se referirem ao interesse da publicação.

«Ammaia – entre o espaço e o tempo» é o 1º capítulo, de breve enquadramento geográfico e síntese histórica (p. 17- 35). No 2º capítulo abordam-se os antecedentes, ou seja, as escavações levadas a efeito entre 1995 e 1999 (p. 37-54). É, porém, o capítulo 3º aquele que mais novidades traz, pois aí se faz o relatório circunstanciado do que foram as pesquisas ali realizadas desde 2000 a 2006, sob expressa orientação do autor do livro, designadamente nas áreas designadas «porta sul», «edifício da Quinta do Deão», «estacionamentos» 1 e 2.

Antes da exaustiva bibliografia, dos anexos, das estampas e das fotografias, Sérgio Pereira apresenta, em traços gerais, as conclusões a que chegou, tendo em conta os novos dados postos a descoberto.

Dois motivos, portanto, de aplauso especial: primeiro, o de a autarquia (por lúcida intervenção do Prof. Jorge Oliveira) se ter prontamente disponibilizado a fazer a publicação, ciente como está deste valor histórico-patrimonial que detém no seu território; segundo, o de assim se ter, pela vez primeira, uma ideia mais concreta acerca dos problemas que os vestígios descobertos levantam do ponto de vista histórico-arqueológico. Esta é uma interpretação; mas, perante os dados apresentados com este rigor, outras reflexões poderão ser encetadas com amplo proveito para a História e para a Arqueologia.

Ammaia entra, assim, pelas mãos de Sérgio Pereira, no rol das cidades do Portugal romano de cujo passado algo mais ora se sabe, mercê das sistemáticas campanhas de escavação ali levadas a efeito.

Cornide, o espião espanhol

Foi na sequência da investigação então em curso sobre os manuscritos do atrás referido Cornide que se deu relevo ao que escrevera sobre *Ammaia*. Contudo, o resultado completo dessa pesquisa não se fez esperar muito: *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, preparado por Juan Manuel ABASCAL e Rosario CEBRIÁN e publicado pela Real Academia de la Historia (Madrid, 2009; ISBN: 978-84-96849-55-6).

De facto, também aqui a política soube lançar mão de um pretexto histórico-científico e, na mira de voltarem a ocupar Portugal, aliados a França, os governantes espanhóis, usaram de todos os meios para obter informações acerca do estado da nossa defesa. E, para tal, não hesitaram em conceder todas as facilidades a José Andrés Cornide de Folgueira y Saavedra: vestindo sabiamente a pele de investigador das Antiguidades (que o era, na realidade), sem dificuldade lograria ir obtendo, sob pretexto de saber de inscrições romanas e de monumentos antigos, aqueles outros dados estratégicos do maior interesse em caso de invasão.

São 919 páginas, em que, depois da cuidada bibliografia e da introdução de enquadramento, se dá conta da vida de Cornide, «viajero ilustrado y espía» (p. 51-136), e se transcrevem, profusamente comentados e anotados, os diários de viagem (p. 139-843), sendo de destacar o périplo que faz em Portugal, transcrito nas p. 315-824.

E se «Los informes para invadir Portugal» (p. 845-865) se apresentam como elementos de história militar não despidiendos, o que, do ponto de vista da Arqueologia e da História Antiga, particularmente nos interessa é o facto de Cornide vir bem documentado acerca dessas antigualhas e, assim, tudo procurou confrontar e, até, desenhar, nomeadamente no que às inscrições romanas dizia respeito. Escusado será, pois, dizer quanto toda essa informação resulta constitui, para muitos documentos hoje perdidos (por exemplo), um manancial da maior valia.

Os índices (onomástico, toponímico), o rol dos manuscritos mencionados, as sempre úteis correspondências entre os vários *corpora* epigráficos e a referência às fontes antigas citadas constituem, por fim, mui precioso auxiliar para substancialmente se haurir boa informação deste vasto e denso volume, com cuja publicação muito nos hemos de congratular.

Epigrafia Latina Republicanana de Hispania

Foi Borja Díaz Ariño premiado pela Associação Internacional de Epigrafia Grega e Latina, por ocasião do seu XIII congresso internacional (Oxford, Setembro 2007), pela pesquisa que levara a efeito com o objectivo de estudar as inscrições romanas identificadas no território peninsular, passíveis de serem datadas do período republicano. O prémio consistiu na publicação do resultado dessa investigação, sob o título *Epigrafia Latina Republicanana de Hispania* (ELRH). Edição de Publicações da Universidade de Barcelona, 2008, integrada na colecção *Instrumenta* (dirigida por José Remesal), onde detém o nº 26. ISBN 978-84-475-3277-3. 418 páginas.

Depois da introdução, explicita-se, em dois capítulos, o que se entende por Epigrafia Latina e, mais concretamente, por Epigrafia Latina Republicanana de *Hispania*, demorando-se o autor, num 3º capítulo, sobre os diferentes tipos de suporte das epígrafes e, inclusive, sobre os diversos tipos de epígrafes.

O catálogo está organizado geograficamente: 116 inscrições da *Hispania Citerior* (p. 85-190) e 59 da *Ulterior* (p. 191-242). Seguem-se capítulos sobre *gländes inscriptae*, projecteis de catapultas, selos sobre cerâmica, lingotes de chumbo e cintas de chumbo, temáticas que, até ao momento, nunca haviam sido estudadas em conjunto e com rigor de epigrafista.

Fotos (de boa qualidade) ou desenhos de monumentos epigráficos estudados (p. 299-359), índice epigráfico muito completo (de acordo com os itens habituais), correspondência com os principais *corpora* epigráficos e bibliografia completam este utilíssimo volume, em que, pela primeira vez, se faz uma actualização do que se conhece acerca dos monumentos epigráficos republicanos da Península Ibérica, estudando-se exaustivamente cada um deles.

Anote-se que não há registo de nenhum monumento epigráfico achado no território actualmente português que se inclua neste repertório. Tal não significa, porém, que algumas das epígrafes estudadas até ao momento (nomeadamente, uma ou outra do Museu de Odrinhas) atribuídas aos começos do Império não possam, futuramente, vir a ser consideradas de época republicana. Facto é, na verdade, que tanto da Lusitânia «portuguesa» como do Norte de Portugal os primeiros documentos epigráficos se situam já na época imperial, não sendo inverosímil, porém, que venham a ser encontrados em território nacional projecteis com a marca de Quinto Sertório, procônsul, por exemplo.

Os espectáculos na Hispânia romana

No dia-a-dia em que vivemos, não é raro vir-nos à mente aquela prática dos Romanos consubstanciada na frase *panem et circenses*, que é como quem diz: «Dêem-lhes uma còdea e espectáculos, que eles ficarão satisfeitos e não se importarão com as reformas de fundo que, entretanto, pela calada, vamos realizando»... Era assim ao tempo dos Romanos.

Por isso, em vez de campos de futebol (desporto que só nasceu em Inglaterra pelos finais do século XIX...), construíram anfiteatros para combates de gladiadores e outros, circos (para corridas de cavalos) e, até, teatros.

Vem, pois, na altura certa o livro, escrito por Joaquín L. Gómez-Pantoja (com a colaboração de Javier Garrido), sobre as inscrições que, na Península Ibérica, se referem aos anfiteatros romanos: *Epigrafia Anfiteatrale dell'Occidente Romano – VII. Baetica, Tarraconensis, Lusitania*, uma iniciativa de Edizioni Quasar (Roma, 2009, ISBN: 978-88-7140-377-9).

Trata-se, de facto, do VII volume da série em muito boa hora e auspiciosamente iniciada, no já longínquo 1988, por Patrizia Sabbatino Tumolesi (1945-1995), com o volume dedicado a Roma.

Divide-se este, de 313 páginas, em duas partes: o catálogo (p. 17-201) e 'riepilogo e considerazioni generali' (p. 203-224). Minuciosos índices analíticos (p. 227-270), incluindo todos os itens habituais numa obra sobre fontes epigráficas, tornam a obra fecundo elemento de estudo e de confronto com documentos de idêntico teor.

Atenção especial deve começar por merecer logo o capítulo inicial, onde os autores explicam porque não incluem neste repertório 47 textos, na medida em que a sua relação com os espectáculos não resulta inteiramente clara.

E o catálogo subdivide-se em quatro secções: a administração dos *munera* (onde cabe uma referência à legislação então em vigor e às 'famílias' gladiatórias); as inscrições referentes a *munera et venationes, iuvenalia* e *lusus iuvenum*; os gladiadores e suas escolas, assim como os *venatores*; por fim, os anfiteatros e estruturas a eles anexas.

16 quadros temáticos, desde a pág. 201 à 210, tornam mais 'visível' o conteúdo das epígrafes estudadas e a secção VI traz, por fim, as considerações gerais em que se abordam as conclusões que esses quadros e essa documentação permitem tirar. As páginas 274 a 313 reproduzem as fotografias disponíveis dos documentos inventariados, incluindo as retiradas de manuscritos (quando se trata de peças por encontrar).

Uma obra, pois, como é bem de ver, do maior interesse para o estudo da época romana peninsular.

Cidade do Terroso

A Cidade do Terroso faz, naturalmente, parte do imaginário de todos os arqueólogos portugueses, pelo muito que sobre ela se foi escrevendo, desde que, em 1906, Rocha Peixoto nela iniciou escavações.

Retomou-as, em 1980, o Doutor Armando Coelho. João Aguiar, no seu romance *Uma Deusa na Bruma* [ISBN: 972-41-3288-9, 5ª edição, Asa – Porto, 2006], proporciona uma visão literária do sítio. Faltava, porém, uma obra que nos desse a perspectiva geral da história do povoado e a sua real importância no contexto da Arqueologia nacional. Disso se encarregaram, com os mais diversos apoios, José Manuel Flores Gomes e Deolinda Carneiro.

Trata-se do volume intitulado *Subtus Montis – Terroso (Património Arqueológico do Concelho da Póvoa de Varzim)*, edição da respectiva Câmara Municipal, de 303 páginas, com depósito legal datado de 2005 e ISBN: 972-9146-42-X.

No I capítulo, «Ambiente», descrevem-se, para além dos aspectos geográficos e geológicos, o paleoambiente e a fauna cujos restos se identificaram na cidade.

Origens do povoamento é o tema do 2º capítulo, que, depois de uma introdução geral sobre o povoamento local na Antiguidade, aborda o que se conhece desde o Neolítico e a Idade do Bronze, cabendo o discurso maior (p. 97-201) à época castreja, sendo aí analisados todos os aspectos que a documentação arqueológica permite discernir (urbanismo e arquitectura, economia e ergonomia, fiação, metalurgia, agricultura, pesca, religiosidade, entre outros).

Referem-se os castros de Laundos, Argivai e Navais, para se traçar uma panorâmica exaustiva do que foi a ocupação do território durante o período romano, com especial relevo para Vila Mendo.

Aproveita-se o ensejo para relatar, por fim, o que foram os resultados dos trabalhos arqueológicos levados a cabo em 1997-1998, na área envolvente à igreja de S. Pedro de Rates.

Enriquecem a obra – para além da bibliografia (não isenta, porém, de bastantes gralhas tipográficas, a corrigir numa próxima edição) e de um anexo documental – excelentes e elucidativas fotografias a cores quer dos sítios quer dos materiais exumados, o que a tornam, sem dúvida, numa referência imprescindível para a investigação da Arqueologia peninsular.

A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo

Foi apresentado, em Vila Franca de Xira, a 1 de Setembro de 2009, o livro *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*.

Tem como subtítulo «Trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL»; 272 pág.; edição da EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, SA; ISBN: 978-989-95761-5-5. Coordenação científica de Luísa Batalha, João Carlos Caninas, Guilherme Cardoso e Mário Monteiro. Além desses coordenadores científicos, assinam os textos, nas respectivas áreas, João Luís Cardoso, Fernando

Casqueira, José d'Encarnação, Paula Fernanda Queiroz, Inês Ribeiro e Eurico Sepúlveda.

Apresentam-se os resultados das sondagens arqueológicas levadas a cabo sob responsabilidade da empresa de Arqueologia EMERITA, divididos por temas, sendo cada um deles tratado por especialistas.

Assim, a síntese sobre a *villa* é da responsabilidade de G. Cardoso, L. Batalha e M. Monteiro; e há capítulos específicos sobre: cerâmicas finas de mesa, vidros e lucernas (p. 29-54); cerâmica romana pintada (p. 57-60); ânforas (p. 63-86); cerâmica comum romana (p. 89-107); um grafito em fragmento de telha romana (p. 109-110); cerâmica comum tardo-romana e visigótica (p. 113-130); metais (p. 133-153); o estudo paleobotânico do depósito do silo 1, sondagem 10 (p. 155-197); o estudo arqueozoológico sumário dos restos recuperados nas escavações (p. 199-216). A bibliografia, por temas, ocupa as páginas 219-235; as estampas, também por temas, as p. 237-269.

As páginas de cortina são ocupadas por fotografias a cores, que fixaram instantâneos dos trabalhos arqueológicos, os quais, recorde-se, foram efectuados, em 2006, no âmbito da empreitada de duplicação do adutor de Castelo do Bode, entre a Quinta da Marquesa e a Central Elevatória de Vila Franca de Xira, a cargo da EPAL.

Trata-se, como se imagina, de uma monografia exaustiva sobre o que se identificou de uma *villa* romana. Permita-se-me, no entanto, que realce a inclusão de duas áreas que deram, aqui, excelentes resultados do ponto de vista científico e que, por isso mesmo, se aplaudem: o singular estudo paleobotânico, muito bem ilustrado, levado a efeito pela Doutora Paula Fernanda Queiroz, investigadora do IGESPAR; e o estudo arqueozoológico, que fica a dever-se ao Doutor João Luís Cardoso, catedrático da Universidade Aberta, que de há muito se tem dedicado, com o maior êxito, a esta temática.

Guia das Cerâmicas de Produção Local de Bracara Augusta

Da autoria de dois dos mais conceituados especialistas na cerâmica de *Bracara Augusta*, Manuela Delgado e Rui Morais, este *Guia das Cerâmicas de Produção Local de Bracara Augusta* (ISBN: 978-989-8351-00-5; edição do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar – Cultura, Espaço e Memória, Braga, 2009) afirma-se como excelente instrumento de trabalho para quantos se dedicam à investigação numa área da Arqueologia que, aparentemente modesta, nos traz sempre inúmeras informações, porque, na verdade, a cerâmica é... de todos os dias e imprescindível!

No prefácio, Isabel Silva, directora do Museu D. Diogo de Sousa, natural depositário da maior parte dessas cerâmicas, saúda os autores e salienta «o rigor e o entusiasmo com que ambos gostam de transmitir o que sabem, sem cedências à facilidade e auto-convencimento».

Assina Adília Alarcão a apresentação, a dar conta da oportunidade da obra, das suas características e do seu enquadramento no âmbito da aturada investigação que, desde 1976 (data da criação do Campo Arqueológico de Braga), na cidade tem sido levada a cabo. «Não se espere», escreve, «encontrar uma tipologia para cada categoria de cerâmica», porque a obra se apresenta como um guia, em que os objectos «são seleccionados por grupos funcionais» «e seleccionados pela variação que oferecem de uma mesma forma». E realça Adília Alarcão, a concluir, o alcance de se dispor não apenas do texto escrito e bem ilustrado, mas também do CD que acompanha o livro, a permitir uma eficaz interactividade.

Com breve introdução seguida de estampas legendadas, exemplificam-se os seguintes tipos de cerâmica: de tradição indígena, cinzenta fina polida e cinzenta alto-imperial, bracarense, de paredes finas, pintada, de engobe vermelho, de engobe branco, cinzenta tardia, comum fina, comum grosseira, vidrada, ânforas, lucernas, vária. A Jorge Ribeiro coube a missão de referir os materiais de construção em argila. No final, a bibliografia.

128 páginas muito bem apresentadas e impressas, uma capa deveras sugestiva, uma obra... exemplar!

Moedas de Segóbriga

Mais um excelente volume acaba de ser editado (2008) pela Real Academia de la Historia, na série *Bibliotheca Numismatica Hispana*: é o nº 6, da autoria de Juan Manuel Abascal, António Alberola y Rosário Cebrián – *Segobriga IV. Hallazgos Monetários*.

Integra o conjunto de publicações que regularmente estão a ser editadas para dar a conhecer o precioso espólio desta cidade romana e este volume é o 1º da Série Maior do Parque Arqueológico de Segóbriga. ISBN: 978-84-96849-45-7.

Após os habituais prólogo, apresentação, bibliografia, introdução e notícias isoladas de achados, entra-se no catálogo, ilustrado com as fotos do anverso e reverso de cada espécime estudado e dividido em duas grande partes: p. 43-71 – moedas hispânicas (emissões ibéricas da Ulterior, emissões ibéricas e celtibéricas da Citerior, cunhagens provinciais hispano-romanas); p. 72-135 – moedas romanas (da República, do Principado e século III, de Diocleciano e dinastia constantiniana, dinastias de Valentiniano e Teodósio, da morte de Arcádio a Zenão, moedas não classificáveis dos séculos IV e V). Há ainda os seguintes capítulos: pequenos tesouros dos séculos I-II; moeda bizantina (de Justiniano I), moedas medievais, modernas e contemporâneas e não classificáveis. Quatro apêndices (mormente com a distribuição das moedas de acordo com o sítio exacto do seu achamento na escavação) completam o volume.

No que concerne ao território actualmente português, sublinhe-se que a moeda que tem o nº 1 foi cunhada em Mértola, identificada como *MVRTIL*: datada da 1ª metade do séc. II a. C., tem a representação de um sável e, no reverso, de uma espiga. Do conjunto é o único numisma cunhado em cidades «portuguesas».

Epigrafia romana de Cáceres

Notável o incremento dos estudos sobre a epigrafia romana de Cáceres.

Depois do livro de Ricardo Hurtado de San Antonio, *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)*, Cáceres, 1977, naturalmente desactualizado atendendo a que já passaram mais de 30 anos sobre a investigação realizada, temos, agora, de Julio Esteban Ortega, um projecto que visa dar a conhecer por completo o que se conhece dos monumentos epigráficos da província espanhola de Cáceres. Ai está o I volume, dedicado a *Norba*, intitulado *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres*, numa edição da Universidad de Extremadura (Cáceres, 2007). Os monumentos são apresentados por localidades de achamento (referidas por ordem alfabética). Ao todo, 398, sendo fornecidas de cada um as informações habituais: local e circunstâncias do achado, dimensões, leitura, comentário e bibliografia, assim como uma pequena fotografia (porque, no final, se apresenta o álbum fotográfico exaustivo, em ponto maior). Os índices epigráficos são, como sempre, preciosos, pois, além do rol dos *nomina* e dos *cognomina* registados, se apresenta um índice analítico e, de seguida, úteis tábuas de correspondência com os demais *corpora*, bibliografia citada e abreviaturas utilizadas.

Para além deste volume, refira-se que os responsáveis pelo Museu de Cáceres, com o incondicional apoio da Junta de Extremadura, decidiram dedicar à epigrafia duas das suas publicações:

– Na série «documentos», António Rodríguez González acompanha-nos num *Paseo Epigráfico por el Casco Antiguo de Cáceres* (é o volume nº 3 da série, datado de 2007), a dar conta das 16 inscrições romanas que, ao longo dos séculos, foram sendo preservadas pelos habitantes, porque as inseriram nas paredes e nos lugares públicos cacereños. De cada uma há a ficha habitual, uma boa fotografia, o desenho, assim como a bibliografia respectiva.

– Na série «Memórias», também com o nº 3, Julio Esteban Ortega e José Salas Martín prepararam *Epigrafia Romana y Cristiana del Museo de Cáceres*: 125 epígrafes, acompanhadas dos elementos essenciais para o seu estudo e contextualização histórica. Índices, tábuas de correspondência e fotografias completam o volume. Na capa, a belíssima e notável placa funerária de *Q. Pomponius Potentinus*, da tribo Sérgia, mandada lavar por testamento de *G. Pomponius Potentinus*, soldado da IV coorte pretoriana (cf. HEp 13 2003-2004, nº 216), um dos raros pretorianos documentados na epigrafia peninsular.

As Sete Maravilhas do Mundo Antigo

Publicaram as Edições 70 a obra *As Sete Maravilhas do Mundo Antigo – Fontes, Fantasias e Reconstituições*, resultado de actividade desenvolvida no seio do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Com data de Fevereiro de 2009 e ISBN 978-972-44-1566-6, o livro, de 272 páginas profusamente ilustradas (mormente com mui interessantes gravuras antigas), foi organizado sob a orientação de José Ribeiro Ferreira e de Luísa da Nazaré Ferreira.

Houvera, em Dezembro de 2007, um encontro subordinado a esse tema, na sequência do interesse despertado pela eleição das «Sete Novas Maravilhas» e os estudos então apresentados constituem, pois, a primeira parte do volume: «As pirâmides do Egipto», por Luís Manuel de Araújo; «As maravilhas de Babilónia», por Nuno Simões Rodrigues; «O Artemísio de Éfeso», por José Ribeiro Ferreira; «A estátua de Zeus em Olímpia», por Maria Helena da Rocha Pereira; «O Mausoléu de Halicarnasso», por Rui Morais; «O colosso de Rodas», por Luísa de Nazaré Ferreira; e «O farol de Alexandria», por Delfim Ferreira e Vasco Gil Mantas. Termina essa primeira parte com o texto, de Paula Barata Dias, «Das Maravilhas aos Milagres. Testemunhos cristãos sobre os *Mirabilia Mundi*».

Na segunda parte, «Antologia de fontes», traça-se oportuna panorâmica do que têm sido, ao longo dos séculos, as referências a estes monumentos: as fontes gregas e latinas, as listas de maravilhas e as maravilhas mais citadas (do século III a. C. ao século XVI).

Enriquecem o volume a bibliografia e, para além do índice geral, um índice onomástico.

Através das Beiras – Pré-História e Proto-História

Numa edição de Palimage (Viseu, Dez. 2008, ISBN: 978-972-8999-63-6), este livro, de 244 páginas de texto e 16 de mui significativas ilustrações, a cores) reúne, como a própria autora explicita, na nota prévia, «textos de carácter

analítico e temático, dois dos quais inéditos, os outros publicados em revistas da especialidade ou em obras de divulgação limitada, que se procura levar agora a um maior número de pessoas».

Ainda que não pretenda ser «uma síntese sobre a Pré-história e a Proto-História daquela região», a obra é de Arqueologia Regional, pois dá conta das investigações feitas pela autora nas Beiras, quer através de intervenções no campo (em contexto de escavação programada ou de prospecções) quer mediante a recuperação de «outros vestígios há muito esquecidos em museus, que são revisitados ou publicados em primeira mão».

Os sete textos foram ordenados não pela ordem cronológica por que foram publicados mas segundo uma lógica interna, «que parte do geral para o particular e da cronologia mais antiga para a mais recente».

O Calcolítico na Beira Interior, o I milénio a. C., a «presença mediterrânea», os ponderais em contextos do Bronze Final/Ferro Inicial, a identificação de artefactos de ferro em contexto do Bronze Final – são alguns dos temas abordados.

Os Celtiberos

Editado sob a responsabilidade de Francisco Burillo Mozota e publicado pela Fundación Segeda (Centro de Estudios Celtibéricos), sob a chancela da Institución “Fernando el Católico”, de Saragoça, tem data de 2007 o livro de actas do V Simpósio sobre Celtiberos, que se realizou em Daroca (Saragoça), de 9 a 11 de Novembro de 2000, subordinado ao tema *Gestión y Desarrollo*, que é o título da obra [ISBN: 978-84-611-9104-8; 248 pág., ilustr.].

Aí se puseram em dia os conhecimentos sobre a cultura celtibérica, tanto nos seus aspectos materiais (espólio de escavações, jazidas arqueológicas...) como culturais (a onomástica, o território...). Contudo, a grande novidade da temática abordada nesse simpósio reside, sem dúvida, na atenção dedicada à gestão e musealização dos sítios e do património arqueológico celtibérico em geral. A forma de aliciar o público – todo o público, desde os bancos da escola – para a importância desse património foi assaz escarpada, através de exemplos concretos e focando as experiências em curso, terminando, significativamente, por uma comunicação em que se aborda «o património celtibérico como recurso económico».

Assim, apesar do atraso verificado na edição, os temas focados neste livro revestem-se da maior actualidade.

O catálogo do Museu da Diocese de Leiria-Fátima

Sob o título *Alma e Imagem*, foi publicado pela Diocese de Leiria-Fátima, numa edição da Comissão de Arte e Património, com data de Março de 2006, o catálogo do seu Museu, sediado, como se sabe, no Museu Diocesano.

Da autoria do Padre Américo Ferreira, um dos entusiastas responsáveis pela reunião e conservação de tão precioso espólio, tem fotos admiráveis de Paulo Adriano.

Depois de se explicar a «gênese e evolução» do museu, temos capítulos sobre arte sacra, acervo diverso, azulejaria, Pré-história, Romanização e conclui-se no acutilante capítulo «Projecto do Museu de Leiria», cujos dois últimos parágrafos importa transcrever:

«A Igreja de Leiria não quererá responder por omissão perante o tribunal da história por se ter recusado a um diálogo aberto, concertado e razoável entre o seu património cultural e artístico e as gentes de Leiria. E julgamos que a Câmara Municipal também não.

O museu de Leiria perfila-se ser exequível e capaz de aglutinar as boas vontades. Basta apenas um gesto de boa vontade por parte dos poderes públicos: a devolução do edifício do antigo Seminário ao seu proprietário de origem, para nele se poder instalar também o Museu de Leiria».

No âmbito da Arqueologia, há no museu, da época pré-histórica, peças do Neolítico e do Bronze Final; do período romano, fibulas, cerâmica, objectos vários, numismas e inscrições (cujo *corpus* ora pela primeira vez é publicado na íntegra, ainda que sem inscrições inéditas, pois tudo foi sendo publicado em seu devido tempo). Também aqui as fotografias são excelentes.

Consubstancia o título a ideia-mestra do livro: são imagens de tempos idos, desde a Pré-história até quase aos nossos dias; mas tanto o peso de tear romano, a fibula, o epitáfio de alguém cuja memória se quis perpetuar há dois mil anos atrás, como as imagens dos santos ou as alfaias litúrgicas detêm, na verdade, uma «alma». Existiram num determinado tempo para transmitir e despertar sentimentos, emoções, ajudar o Homem na sua caminhada; existem hoje, preservadas, sabiamente expostas, para que o Homem consciencialize as fases por que essa caminhada passou.

Com o saber longamente acumulado através da aturada investigação a que se tem dedicado desde há décadas, o P^o Américo Ferreira oferece-nos, assim, neste volume – que não hesitamos em classificar de magnífico, em todos os seus aspectos – um importante manancial que, ao longo dos anos, a Diocese de Leiria-Fátima soube recolher e preservar.

176 páginas; ISBN: 972-99643-1-9.

Coimbra: das Origens a Finais da Idade Média

Com o n^o 10 da Coleção “Coimbra – Património”, foi apresentado, a 3 de Março de 2009, o volume *Coimbra: das Origens a Finais da Idade Média*, elaborado por duas das técnicas da autarquia conimbricense: as dras. Isabel Nogueira e Raquel Romero Magalhães.

Edição do Gabinete de Arqueologia, Arte e História do Departamento de Cultura da Câmara Municipal, tem data de 2008, ISBN 978-989-8039-10-1, 198 páginas profusamente ilustradas e a cores. Apresentação gráfica assaz sugestiva e de leitura fácil.

Conimbriga, 49 (2010) 257-270

Como as autoras explicam na introdução, a obra procurou enquadrar-se no que sobre a cidade já havia sido escrito, com a finalidade expressa de, através «de um certo distanciamento» e «objectividade no tratamento da informação», «extrapolar o interesse dos leitores de Coimbra». Ou seja, «não obstante a procura de rigor científico», preferiu-se que o volume se revestisse «de um carácter relativamente genérico».

Por isso, houve que partir de uma «orientação cronológica» (Pré-História, Antiguidade Clássica, Idade Média, Épocas Moderna e Contemporânea), sempre ajustada num livro com este objectivo, mas deu-se ao conjunto uma «arrumação temática»: 1. Das origens ao domínio visigótico (Isabel Nogueira) – p. 11-28; 2. Coimbra medieval: islâmica e cristã (Raquel Romero Magalhães) – p. 29-97; 3. Isabel de Aragão e Inês de Castro: figuras que a cidade imortalizou (RRM) – p. 99-119; 4. O legado da arquitectura religiosa de origem medieval (IN) – p. 121-182.

A merecer também atenção o completo repositório bibliográfico (p. 183-192), dividido em bibliografia específica e complementar e repartido, em cada uma, por monografias, artigos em obras colectivas e artigos em publicações periódicas.

Uma síntese, pois, de leitura fácil, mui agradável, rampa de lançamento e de motivação para quem queira saber mais sobre a vetusta cidade do Mondego.

Da Estrada Romana ao Telégrafo Visual

Da Estrada Romana ao Telégrafo Visual – Dois Mil Anos de Viagens e Comunicações por Terras de Alvaiázere é um livrinho da autoria do Dr. Mário Rui Simões Rodrigues, editado pelo CEPAE (Centro do Património da Estremadura), Leiria, com data de 2007.

De 96 páginas, um pouco maior portanto do que é habitual na colecção em que se integra («Estremadura, Espaços e Memórias», dirigida pelo Doutor Saul António Gomes, da Faculdade de Letras de Coimbra), destina-se ao grande público e, de modo especial, aos jovens estudantes.

Depois de uma síntese dos estudos feitos sobre a estrada romana que ligaria as cidades do Centro do país (*Sellium, Collipo, Conimbriga, Aeminium...*), há um capítulo sobre «A Estrada Coimbrã», da Idade Média, demorando-se depois, num total de mais oito breves capítulos, sobre: albergarias, hospitais, estalagens e vendas; correios, estafetas e caminheiros; os almoceves e os recoveiros; os itinerários régios medievais; viajantes e peregrinos; operações militares; o telégrafo visual.

Por conseguinte, uma sugestiva panorâmica ilustrada, que se lê com muito agrado.

José d'Encarnação